

ENQUADRES E PERFORMANCES DE PAPÉIS PROFISSIONAIS NUMA OFICINA DE LÍNGUA PORTUGUESA¹⁰⁸

Amanda Dinucci Almeida Bühler Velasco (PUC-Rio)
amandadinucci@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho focaliza uma situação social híbrida. Trata-se da oficina de língua portuguesa de um centro de atenção psicossocial – álcool e drogas (CAPS-AD). O formato oficina, razoavelmente padronizado, somado ao contexto local da instituição selecionada, cria diferentes tipos de situação de interação – enquadres – que se encaixam. Nessas laminações, é possível entrever a performance do papel profissional da responsável pela oficina como correspondente ao de uma professora, dentro do enquadre *aula*, e como ao de uma terapeuta, referente ao enquadre *terapia*. Diante desse panorama, este estudo tem como proposta a análise das representações da *oficineira* sobre a sua prática profissional e a observação do manejo do *footing* nas suas práticas cotidianas de trabalho, com base em uma entrevista de pesquisa, objetivando responder as seguintes questões: (a) Que percepção de “qual atividade está sendo encenada” na oficina de língua portuguesa emerge na entrevista?; (b) Como a *oficineira* se posiciona em relação ao seu papel nesse contexto?; (c) Como a discussão sobre hibridismo em práticas profissionais, no âmbito da linguística aplicada das profissões, se relaciona à prática da *oficineira*? O presente estudo se fundamenta teoricamente em duas bases. A primeira diz respeito à abordagem sociointeracional do discurso, com os conceitos da sociolinguística interacional (GOFFMAN, 1974, 1981; TANNEN & WALLAT, 1987); a segunda se relaciona aos processos de hibridização em performances profissionais, situada no campo da linguística aplicada das profissões (SARANGI, 2010, 2011). A metodologia de pesquisa escolhida para tratamento dos dados se insere no âmbito da pesquisa qualitativa e interpretativa (DENZIN & LINCOLN, 2006).

1. Introdução

Na sociedade contemporânea, o hibridismo é um fenômeno que permeia as mais variadas esferas e, nas diversas formas de sua manifestação, observam-se processos de hibridização simples e complexos (SARANGI, 2011). Uma vez que emergem questões relativas a isso a cada dia no âmbito social e profissional contemporâneos, é necessário analisar esse processo em locais de trabalho. Além disso, a análise do hibridismo em performances de papéis profissionais é pertinente ao evidenciar condições da “modernidade tardia”.

¹⁰⁸ Uma versão deste trabalho foi apresentada no Congresso Internacional Português: Língua do Mundo, realizado na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, na primeira semana de novembro de 2014.

Observando a relevância dessa discussão no cenário contemporâneo, o presente trabalho se insere no campo da linguística aplicada das profissões, estabelecendo relações entre o estudo da linguagem e os contextos profissionais para analisar uma situação social híbrida. Trata-se de uma oficina de língua portuguesa do Centro Regional Integrado de Atendimento ao Adolescente (CRIAA), um projeto de extensão vinculado ao Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental do Instituto de Saúde da Comunidade da Universidade Federal Fluminense (UFF).

A instituição em questão se localiza em Niterói (RJ) e foi criada para atender adolescentes em situação de risco ou que já fazem uso de drogas lícitas e/ou ilícitas. É considerada um centro de atenção psicossocial – álcool e drogas (CAPS-AD). Desde o início, trabalha na perspectiva da redução de danos, uma estratégia que visa a diminuir os riscos causados aos consumidores de drogas sem interromper obrigatoriamente seu uso, numa busca pela inclusão social dos dependentes.

Sob essa orientação, além do atendimento médico, o CRIAA-UFF promove oficinas de ciências, história, inglês, português, matemática, música e sociologia, além de oficinas de esporte. Na equipe de oficinairos¹⁰⁹, há jovens que ainda estão cursando a graduação e outros recém-formados em cursos de licenciatura. A oficinaira de português que foi entrevistada está em fase de conclusão do curso de letras, trabalha como professora em outras instituições e realiza essa atividade no CRIAA-UFF uma vez por semana há mais de um ano.

O formato oficina, razoavelmente padronizado, somado ao contexto local da instituição selecionada, cria diferentes tipos de situação de interação – enquadres – que se encaixam. Nessas laminações, é possível entrever a performance do papel profissional de Clarice como correspondente a de uma professora, dentro do enquadre *aula*, e como a de uma terapeuta, referente ao enquadre *terapia*, superposto ao outro.

Diante deste panorama, este estudo tem como proposta a análise das representações da oficinaira sobre a sua prática profissional e a observação do manejo do *footing* nas suas práticas cotidianas de trabalho, objetivando responder as seguintes questões: (a) Que percepção de “qual atividade está sendo encenada” na oficina de língua portuguesa emerge na entrevista?; (b) Como a oficinaira se posiciona em relação ao seu pa-

¹⁰⁹O termo “oficineiro” é empregado para designar o responsável pela realização das atividades de uma oficina.

pel nesse contexto?; (c) Como a discussão sobre hibridismo em práticas profissionais, no âmbito da linguística aplicada das profissões, se relaciona à prática da oficinaira?

Apresento, a seguir, as bases teóricas e metodológicas do trabalho. Segue-se a isso a análise de dados, em que procurarei responder as questões incitadas e, por fim, algumas conclusões preliminares.

2. Fundamentos teóricos e metodológicos

O presente estudo se fundamenta teoricamente em duas bases. A primeira diz respeito à abordagem sociointeracional do discurso, com os conceitos da sociolinguística interacional; a segunda se relaciona aos processos de hibridização em performances profissionais; situada no campo da linguística aplicada das profissões.

2.1. Enquadres interativos, alinhamentos e *footing*

A propósito de articular estruturas textuais e situações de comunicação, à luz da sociolinguística interacional, três conceitos são fundamentais para esse estudo: enquadre, alinhamento e *footing*.

Cada evento comunicativo é marcado por expectativas, um dos elementos de sua construção e negociação. Para caracterizar o *background* dos participantes, Tannen e Wallat (1986) apresentam como estruturas de expectativas os esquemas e enquadres. Os primeiros configuram unidades de conhecimento, pois dizem respeito ao que o indivíduo pode recuperar em sua memória quanto aos homens, lugares e objetos que conhece, por exemplo. Já os enquadres são “unidades interativas de interpretação”, caracterizados pela dinâmica e negociação que podem sofrer num evento comunicativo.

A noção de enquadre é estabelecida, em princípio, por Bateson (1972) e retomada por Goffman (1974), Gumperz (1982) e Tannen & Wallat (1987). De acordo com Goffman (1998, p. 17), a memória social é constituída de recorrências de certa forma tipificadas. Isto é, ritualizamos o comportamento de grupos sociais em determinados ambientes de interação. Assim, para que seja possível se encaixar no arranjo social organizado e compartilhado, um participante precisa decodificar o jogo interativo no qual se insere. Isto é, faz-se necessária, a identificação do enqua-

dre dentro do qual ele é configurado. Portanto, há uma busca por saber “o que está acontecendo aqui e agora” (*Idem*, p. 70).

A percepção de “qual atividade está sendo encenada” e de “qual sentido os falantes dão ao que dizem” (TANNEN & WALLAT, 1998, p. 124) faz parte do jogo interativo. O papel das pistas de contextualização, nesse sentido, é fundamental, tanto as linguísticas quanto as paralinguísticas. No entanto, o enquadre não aprisiona a interação, pois são estruturas negociáveis. Afinal, há o que Goffman (1979) chama de *footing*. Um participante passa a atuar em outro enquadre quando muda a projeção do *self* na relação consigo mesmo, com o outro e com o discurso em construção. Essa projeção pode ser chamada também de “alinhamento”. Assim, os participantes não apenas “enquadram” os eventos, mas ao mesmo tempo negociam as relações interpessoais ou os alinhamentos que constituem tais eventos (*op. cit.*, p. 124).

2.2. O hibridismo de papéis em práticas profissionais

A linguística aplicada das profissões tem avançado e, por meio dos estudos dos discursos profissionais, tem se tornado evidente a natureza multifacetada das práticas de trabalho. No tocante à linguagem, a hibridização está relacionada à heterogeneidade discursiva, com mescla de gêneros, entretanto, Sarangi (2011, p. 22) ressalta que esse processo não é uma mistura pré-determinada de categorias existentes, mas está relacionado à permeabilidade em ações/performances situadas.

Para a discussão do hibridismo de papéis em práticas profissionais, é relevante a noção de tipos de papéis (SARANGI, 2010), que abarca o papel social, o papel discursivo e o papel de atividade. O papel social diz respeito às relações sociais entre os sujeitos. O papel discursivo se refere ao que os participantes fazem em relação às mensagens da atividade comunicativa. Por fim, o papel de atividade depende do tipo de atividade da qual o indivíduo está participando, definindo-se na relação com outros participantes.

Aliando a noção de jogos da linguagem de Wittgenstein à formulação de Bogen (1999) de “ordem sem regras”, Sarangi (2011) aponta os eventos comunicativos como complexos e dinâmicos, possibilitando novas configurações interacionais, estruturais e funcionais. Quanto a esse processo de hibridização, é possível notar que a perspectiva de Sarangi é

atravessada pela obra de Goffman, que já havia assinalado: “O que a natureza divide, a fala frivolumente encaixa, insere e mistura”.

Sarangi (*idem*) ratifica essa interface retomando o conceito de “footing” (GOFFMAN, 2002). Segundo Goffman (1998), a determinação do que “está acontecendo aqui e agora” não ocorre de forma unilateral, mas os eventos são coconstruídos por atores sociais. Sarangi (*idem*) então tece uma relação interessante entre seu conceito de “atividades de papel” e o de “footing”, de Goffman, com base nessa premissa. Cada ator pode mudar a maneira como se alinha consigo mesmo e com os outros participantes de um encontro. Isso reforça a ideia de agência pessoal na ordem interacional dos eventos.

Nesse sentido, nota-se que o profissional que está inserido numa instituição, de certa forma, segue as regras estabelecidas pela mesma, mas, por outro lado, construirá o significado de seu papel e as atividades que lhe cabem, na interação, dentro de contextos situacionais específicos. Assim, a atividade de um papel se torna também uma ocorrência do contexto. Nesse sentido, percebe-se que a análise do hibridismo é entrelaçada a outras noções linguísticas como a de intersubjetividade.

Por fim, é importante considerar neste estudo, a discussão sobre a emergência de papéis múltiplos e competitivos (SARANGI, 2010, p. 37). As pessoas podem corresponder a papéis distintos (2011, p. 3) e, se esses forem conflitantes, isso pode trazer tensões à prática profissional.

2.3. Metodologia da pesquisa

Os dados para análise foram obtidos numa visita feita ao CRIAA-UFF, quando obtivemos notas de campo, e num encontro posterior com a responsável pela oficina de língua portuguesa, quando foi gravada uma entrevista. Essa gravação em áudio, realizada no dia 18 de maio, tem 11’:15”. A metodologia de pesquisa escolhida para tratamento desses dados, gerados a partir de orientação etnográfica, se insere no âmbito da pesquisa qualitativa e interpretativa (RICE & EZZY, 1999; DENZIN & LINCOLN, 2006).

3. Análise dos dados

3.1. Representações de enquadres e papéis

Nesta seção, observaremos as representações da oficinaira de língua portuguesa, Clarice¹¹⁰, sobre a sua prática profissional, isto é, como ela se posiciona em relação a “qual atividade está sendo encenada” e qual é o seu papel na oficina de língua portuguesa. O segmento a seguir mostra a primeira parte da entrevista realizada com ela, em que tem início a descrição do seu trabalho na instituição em foco.

Segmento 1

T.4	Clarice	1	Eu sou professora de Português >quer dizer< oficinaira de Português. A gente dá oficinas terapêuticas, não é aula. A gente não tem avaliação, nada disso. São:: estratégias de língua portuguesa, pra chamar a atenção deles pra:: alguma coisa que não seja a droga. Então eu <utilizo a língua portuguesa > como: <u>meio</u> para distrai-los. É uma terapia. Através de português. (2.0) Muito difícil de fazer.º
2			
3			
4			
5			
6			

Primeiramente, Clarice atribui a si o papel de *professora*, fazendo depois um reparo para se qualificar como *oficineira* (1.1). A partir de então, busca construir seu papel profissional associando-o estritamente às atividades de uma terapeuta, num movimento contra argumentativo. Ela torna relevante, entre as atividades de papel (SARANGI, 2010; 2011) de um oficinairo, a distração dos pacientes (1.2). De acordo com a entrevistada, no seu encontro com eles, a língua portuguesa é apenas um “meio” para que isso seja desenvolvido, isto é, o aprendizado de conteúdos escolares não é a finalidade de suas práticas de trabalho cotidianas.

Torna-se relevante ainda, em sua fala, a distinção entre o enquadre *terapia* e o enquadre *aula*, refutando-se o último. Sem que houvesse sido questionada a respeito disso, ela afirma como distintivo entre uma atividade de caráter terapêutico – como a oficina, segundo ela – e uma atividade pedagógica, a avaliação (1.3). Percebe-se que Clarice inicia uma busca por justificar por que sua performance profissional no contexto do Criaa-UFF não corresponderia a de uma professora e por que o enquadre não corresponderia a uma aula. Isso se desenvolve no segmento a seguir.

Segmento 2

T.7	Amanda	1	Mas você acha que é diferente de ir pra escola? É diferente de uma aula?
T.8	Clarice	2	É. Completamente diferente. Porque não tem cobrança e:: também não tem um planejamento de aula. Eu chego lá e: de acordo com o que eles estão sentindo, como está a cabeça deles no momento, eu tenho que inventar uma atividade que rela:xe, não que cobre nada. Então, é <u>bem</u> diferente. E eu não sou a professora, eu sou alguém que está interagindo,
		3	
		4	
		5	
		6	

¹¹⁰ Um nome fictício foi usado para a preservação da identidade da entrevistada.

	7	que vai participar também. É diferente, completamente diferente.
--	---	--

A entrevistada destaca que, dentro do conjunto de atividades específicas do papel de professor, estaria a atividade de cobrar o aluno (1.2), pois ele, numa perspectiva racionalista e empirista, deve buscar evidências da aprendizagem (van LIER, 2002, p. 248), o que se relaciona à avaliação mencionada no segmento anterior. Portanto, a ele corresponderia o papel discursivo de *avaliador*. Mas, de acordo com ela, os professores não realizam essa atividade (1.5), pois trabalham em “oficinas terapêuticas”, que visam somente a “relaxar” o paciente.

Além disso, uma atividade que ela ressalta, entre as específicas do professor, é o planejamento de aulas (1.3). Britzman (1986, p. 445) afirma que a apresentação de um programa de estudos é uma expectativa comum na cultura ocidental em relação aos professores. O termo “planejamento”, utilizado pela entrevistada, se relaciona a essa noção. Uma vez que não realiza essa atividade importante para a performance do papel pedagógico, segundo valores da sua cultura, ela não se entende como tal no contexto das oficinas.

Interessa-nos, por fim, nesse segmento, a afirmação: “eu não sou a professora, eu sou alguém que está interagindo, que vai participar também” (1.6). Segundo Stubbs (1983, p. 17): “*There is a sense in which, in our culture, teaching is talking. Research on traditional, relatively formal, chalk-and-talk classrooms shows that, on average, teachers tend to talk for about 70 per cent of classroom time* (FLANDERS, 1970)”. A entrevistada se alinha a essa concepção, pois nega a performance do papel de professor com base no papel discursivo que atribui a ele. Ao aluno corresponderia o papel discursivo de *ouvinte* e a ele o de *falante*.

A entrevistada constrói o papel do professor apoiada na dominação do piso interacional exercida pelo mesmo e nas atividades de planejar e cobrar, cabendo a ele os papéis discursivos de *falante* e *avaliador*. Entendendo que isso não corresponde a sua performance profissional, aicineira rejeita a qualificação de seu papel como o de professora. Sua argumentação serve para mostrar que suas práticas cotidianas de trabalho estariam associadas somente à performance de um papel profissional da área da saúde, não da educação e, assim a única atividade encenada nas oficinas seria uma terapia e não uma aula.

3.2. Multiplicidade de papéis e o manejo do footing

Nesta seção, observaremos o manejo do *footing*, evidenciado na descrição das práticas cotidianas de trabalho daicineira para analisar como a discussão sobre “hibridismo” em práticas profissionais, no âmbito da linguística aplicada das profissões, se relaciona às suas práticas. Embora afirme que a oficina de língua portuguesa “não é aula”, ao relatar exemplos cotidianos, Clarice permite perceber nessa situação uma superposição de enquadres e a emergência de papéis múltiplos, como aponta o segmento a seguir.

Segmento 4

T.10	Clarice	1	Por exemplo, eu tenho uma paciente que é histérica. Ela num usa drogas. A
		2	gente atende outras pessoas também. Que não tem <u>nada</u> a ver com drogas
		3	ou álcool. Ela é histérica e ela quer passar no vestibular. <u>Então</u> , se só tiver
		4	ela e eu tiver preparado uma atividade terapêutica, eu posso mudar
		5	completamente a aula e ficar falando com ela sobre o vestibular, sobre
		6	matéria de vestibular. <u>Então</u> , é imprevisível.

Nesse trecho da entrevista, Clarice utiliza o vocábulo *aula* (1.5) para caracterizar a oficina, o que pode assinalar a ambivalência dessa situação social. A multiplicidade de papéis fica evidente quando aicineira diz que pode ter preparado uma atividade terapêutica, o que denota o papel de terapeuta, e exercer uma atividade pedagógica, voltada para os exames de vestibular, alinhando-se como uma professora. O manejo do *footing* se dá em virtude do objetivo do paciente que vai à oficina. Isso demonstra que a entrevistada trabalha percebendo e criando oportunidades, assim como qualquer professor poderia trabalhar também, caso tivesse essa liberdade concedida pela instituição em que trabalha.

Cabe analisar ainda outro relato específico da oficina para observar a configuração híbrida do macro enquadre *oficina*.

Segmento 5

T.33	Amanda	1	Tem alguma oficina que você lembre que tenha sido <u>mais</u> legal?
T.34	Clarice	2	A oficina de ontem. Foi muito legal. Foi sobre cordel. Então em vez de eu
		3	explicar o que seria literatura de cordel e tudo mais, eu peguei vários
		4	textos de cordel e <u>brinquei</u> de a gente... ler os textos em voz alta e:
		5	algumas pessoas interpretarem. E eles gostaram muito e a partir dali eu
		6	fui falando algumas características e eles começaram a se interessar por
		7	literatura. Então, a <u>próxima</u> aula eu já tenho como planejar porque eles
		8	pediram pra eu dar aula de literatura de novo.

De início, é interessante notar que, assim como no segmento 4, a entrevistada utiliza repetidas vezes o termo “aula” para se referir à oficina. Além disso, percebe-se que o tema da oficina descrita corresponde a

um conteúdo escolar. Uma vez que há oportunidade de aprendê-los, seja esse o objetivo principal ou não, entendemos que essa poderia ser considerada uma atividade pedagógica. Portanto, o enquadre *aula* estaria superposto ao enquadre *terapia*.

Cabe observar ainda que, embora Clarice afirme que não planeja as oficinas, à medida que conhece os pacientes, seus gostos e interesses, é possível pensar em atividades antes de realizá-las e eles expressam seus desejos (1.7). Segundo Britzman (1986), os alunos têm raras oportunidades de determinar o programa escolar. De fato, portanto, isso contraria uma expectativa comum na cultura ocidental quanto à dinâmica de uma aula.

Essa descrição demonstra que, na oficina, há um baixo grau de assimetria entre os participantes; equilíbrio na participação discursiva da oficinaira e dos pacientes, ou seja, alternância mais harmônica dos papéis discursivos de *falante* e *ouvinte* do que, em geral, ocorre entre um professor e seus alunos; e há manifestações de opinião dos pacientes acerca das atividades que estão sendo realizadas, ou seja, cabe a eles o papel discursivo de *avaliador*.

4. Considerações finais

Buscamos, neste estudo, analisar uma situação social híbrida com base em conceitos analíticos da sociolinguística interacional e noções da linguística aplicada das profissões, especialmente o trabalho de Sarangi (2010; 2011). Observamos que a entrevistada procurou representar seu papel profissional associando-o estritamente às atividades de uma terapeuta e sustentar seus encontros com os pacientes como exclusivamente uma terapia, refutando o enquadre *aula*.

No entanto, pudemos perceber que a discussão sobre hibridismo em práticas profissionais, nesse viés teórico, se relaciona à prática da oficinaira na medida em que essa questão se tornou relevante com a superposição de enquadres e a multiplicidade de papéis. Na análise dos dados, percebe-se a emergência de papéis múltiplos e competitivos enquanto a entrevistada refuta a multiplicidade de papéis nas suas representações.

Por fim, a análise mostrou permitiu notar que a oficinaira pode corresponder a papéis distintos principalmente devido ao fato de o paciente ocupar o centro das atividades e ser visto como uma pessoa responsável por sua própria vida e pela sua doença ou dependência química. É

muito interessante perceber, assim, que, nesse contexto, a oficinaira faz do seu papel algo que depende bastante da percepção do outro, atuando como uma facilitadora para que o paciente supra sua necessidade ou alcance seu objetivo, quer isso exija uma atuação terapêutica ou pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, P. (Orgs). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.

BRITZMAN, D. P. Cultural myths in the making of a teacher: biography and social structure in teacher education. *Harvard Educational Review*, vol. 56, n. 4, p. 442-456, 1986.

CORTEZ, C. M; PEREIRA, M. G. D. *Narrativas de agentes comunitárias de saúde e de moradores de Vila Rosário: práticas profissionais e discursivas no atendimento à tuberculose*. 2011. Dissertação (de Mestrado). – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. et al. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ P. M. (Orgs). *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Age, 2002.

_____. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs). *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Age, 2002.

_____. *Frame Analysis*. New York: Harper & Row, 1974.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 149-182.

PEREIRA, T. C.; PEREIRA, M. G. D. *A entrevista psiquiátrica: a rotina, o fazer clínico e as representações*. 2005. Tese (de doutorado). – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro.

RICE, P. L.; EZZY, D. *Qualitative research methods*. Oxford/New York: Oxford Univ. Press, 1999.

SARANGI, S. Reconfiguring self/identity/status/role: the case of professional role performance in healthcare encounters. In: ARCHIBALD, J.; GARZONE, G. (Eds.). *Actors, identities and roles in professional and academic settings: discursive perspectives*. Berne: Peter Lang, 2010, p. 27-54.

_____. Role hybridity in professional practice. In: SARANGI, S.; POLESE, V.; CALIENDO, G. (Eds.). *Genre(s) on the Move: Hybridisation and Discourse Change in Specialized Communication*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane (ESI), 2011.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. (Eds.), *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 183-214.